

FRANCISCO DE OLIVEIRA  
Coordenação

# O Espírito Olímpico no novo milénio



Coimbra • Imprensa da Universidade

## JOGOS PÍTICOS NA ELECTRA DE SÓFOCLES

Susana Pereira  
Universidade de Coimbra

“Irei a Delfos celebrar            ’ ), afirma Manuel Alegre num poema. Este seu propósito traz-nos à memória as habituais deslocações àquele local escarpado, na Grécia Antiga, para comemorar e também para consultar o deus da luz e dos oráculos, que ali tinha o seu templo.

Na tragédia grega, Delfos é repetidamente mencionada e/ ou descrita, quer pelo ascendente que tem no espírito grego, para o qual vida religiosa e civil estão intimamente ligadas, quer pela sua riqueza plástica, quer ainda pela sua paisagem especial. Ao santuário de Apoio, cenário de religião e crença, local de culto, dirigiam-se, na verdade, ilustres visitantes, aguardando os prestigiados oráculos do poderoso Lóxias, ou fazendo suplicas e oferendas ao deus: procuravam-no, nomeadamente, por questões morais ou políticas (cf. A., Ch., Eu.; S., OT, El.; E., Ion, Andr.). A riqueza arquitectónica do templo, por outro lado, é motivo de longa descrição (cf. E., Ion, 184 sqq., surpresa das servas de Creúsa ante a morada de Apoio). Também a surpreendente beleza da paisagem délfica, panorama de luminosidade, é causa de atracção e de espanto para os olhos, como se acentua no Ion de Eurípides (cf. v.82 sqq.) e revelam as palavras seguintes: “Através dos olhos de Ion, o nosso

103

\* Quero deixar expresso o meu reconhecimento à Prof.<sup>3</sup> Doutora Maria de Fátima Sousa e Silva pelos prontos conselhos dados, com toda a disponibilidade. Uma palavra de agradecimento também à Dr<sup>a</sup> Maria Isabel Lima Pereira pelas suas sugestões, sempre oportunas.

(<sup>1</sup>) Manuel Alegre, “Louvor de Apoio”, Chegar Aqui, Lisboa, Edições João Sá da Costa, 1984.

primeiro contacto com Delfos faz-se ao romper do dia, quando o sol inunda a natureza e o templo da divindade... (...). São, antes de mais, os cumes das Fedriades a recortarem-se no rubor do éter, e a inundarem-se de luz (...). Perdida entre escarpas, a água cristalina da fonte Castália prossegue o seu curso, em ondas de prata (...). O templo desperta nas primeiras volutas de fumo oloroso, que se eleva do fogo sagrado da Pítia que retoma o seu lugar profético (...). A mancha verde do loureiro engrinalda a mansão de Apoio, símbolo discreto da presença do deus (...). Rodeado de objectos preciosos, o templo envolve-se nos tons loiros do oiro (...). A vida anima-se com a chegada ruidosa das aves do Parnasso (...)"(2). É notória no Ion a importância marcadamente pictórica de Delfos, local cujos elementos visuais e religiosos justificam, por si, tantas menções dos autores trágicos.

E ainda ao santuário de Apoio que Sófocles nos conduz na peça *Electra*, através de uma descrição feita pelo velho Pedagogo do filho de Agamémnon e Clitemnestra.

Relembremos, rapidamente, alguns dados do mito de Orestes. Menino ainda, fora enviado para o exílio, a fim de escapar às mãos da mãe e de Egisto(3), que haviam tomado o governo da cidade de Micenas(4). No jovem príncipe, chegado entretanto à idade viril, depositava *Electra* a esperança de punir a mãe, assassina de Agamémnon e traidora dos próprios filhos por razões que oscilam nas leituras diversas: por ambição de poder, por espírito de vingança do marido ou por causa da sua ligação com Egisto.

Alguns anos após a morte do Atrida, Orestes, confiante no oráculo de Lóxias ou submisso às suas ordens, regressa então à sua cidade para cumprir o dever de vingar o pai (cf. *A*, Ch., 269 sqq.; *S.*, El., 32 sqq.; *E.*, Or., 28 sqq. e *E/.*, 87 sqq.). No seu propósito, conta com vários aliados, além do deus: a velha Ama (cf. *A*, Ch., 734 sqq.), o Pedagogo (cf. *S.*, El., I sqq.), um antigo criado (cf. *E.*, EL, 664 sqq.), o fiel amigo de infância, Píladés (cf. *A*, Ch., 900 sqq.; *S.* EL, I sqq.; *E.*, Or., 31-33 e EL, 880 sqq.), a própria irmã, *Electra*, que vê cumprir-se a sua expectativa de vingança

(2) Maria de Fátima SOUSA e SILVA, "Elementos visuais e pictóricos em Eurípidés", *Humanitas* 37-38, 9-86, p.30-31.

(3) Cf. *S.*, El., 8 sqq.; *E.*, EL, 14 sqq.

(4) Argos, segundo outras versões do mito (cf. *A.*, Ch.; *E.*, Or. e EL).

com a chegada tão ansiada de Orestes, a quem incita e se associa (cf. A, Ch., 235 sqq.; S., El., 1288 sqq.; E. Or., 31-33 e El., 276 sqq., 973 sqq.).

No tratamento diverso que os três grandes tragediógrafos gregos deram ao mito do filho de Agamémnon, o matricídio é acontecimento comum (cf. A., Ch.; S., El.; E., El. e Or.), embora sujeito a determinações e objectivos muito diversos.

Clitemnestra receara o regresso do filho, herdeiro legítimo do trono e vingador natural do pai. Uma noite, aterrorizada por um sonho funesto, decidiu enviar libações ao túmulo de Agamémnon, para se purificar (cf. A., Ch. 22 sqq. e S., E/., 405 sqq.). Na Electra, Sófocles põe em cena a própria filha de Tíndaro a fazer ofertas e preces a Apoio, com o desejo de se livrar do terror que sentia. Uma notícia enganadora, pensada pelo próprio Orestes e dada pelo seu Pedagogo, parecia responder aos seus anseios<sup>(5)</sup>: ' <\$ (S. E/., 673) - anúncio de morte falso, simples, angustiante e ... desejado!... Ouve-o Electra, desesperada; escuta-o Clitemnestra, esperançada!

O velho Pedagogo do filho de Agamémnon esmera-se, e a pedido da rainha mostra de forma brilhante o modo como Orestes, supostamente, deixara o mundo dos vivos (S., El., 680-763). A sua longa narrativa conduz-nos, pois, a Delfos. Aí se celebravam os Jogos Píticos em honra de Apoio, nos quais participava o filho de Agamémnon, também ele imbuído do espírito agónico que animava os Gregos em geral. Como é por demais sabido, o jovem príncipe estivera exilado na Fócida, região na qual se situava o santuário de Apoio: ali fora criado por seu tio, Estrófilo, pai de Pílates. Por outro lado, o próprio deus dos oráculos está intimamente associado ao mito de Orestes: é um aliado divino do filho de Agamémnon no seu dever natural de vingar o pai.

Ao templo de Lóxias dirigira-se o jovem Orestes, com o intuito de alcançar a suprema honra para qualquer participante: conquistar as coroas délficas (cf. v.681-682). As provas decorriam, pois, num espaço sacro, concedendo os deuses os seus próprios troféus ao vencedor -

105

<sup>(5)</sup> «O engano na Electra é uma condição de êxito imposta pelo próprio deus.» (M. O. PULQUÉRIO, "Estudos sobre três tragédias de Sófocles: III - Tradição e inovação na Electra", Humanitas 19-20, 36-50, p.50). De facto, no prólogo da peça, Orestes afirma que, para vingar o seu pai, Agamémnon, Febo lhe dissera que se apresentasse sem exército, mas através da astúcia (cf. S., E/., 32 sqq.).

neste caso, a coroa de loureiro, árvore simbólica de Apoio -, o que torna claro que aquele que ganhava se encontrava sob a mira divina, sobretudo quem tudo ia vencendo, como o filho do Atrida; por outro lado, testemunha também o padrão religioso dos Jogos<sup>(6)</sup>.

Um sinal sonoro deu início à primeira prova, a corrida a pé<sup>(7)</sup>. Esta competição, aqui apresentada por Sófocles como a de abertura dos concursos<sup>(8)</sup>, era tradicional: fazia parte do programa das primeiras provas olímpicas, pelo que permaneceu, até à actualidade, como uma das mais importantes<sup>(9)</sup>. Neste passo, a competição não é descrita, mas apenas mencionada, dando-se em seguida relevo ao atleta Orestes, porque é ele que se pretende pôr em destaque. A sua entrada no estádio impressionou a multidão (cf. v.685). Realçava-lhe a imagem o brilho do corpo, certamente devido ao óleo derramado, segundo o costume, como medida de higiene, uma vez que os concorrentes participavam na corrida nus. O aspecto brilhante do jovem atleta é-nos sugerido pelo emprego do adjectivo  $\mu$  ? (v.685). A visão esplendorosa que a assistência tem do herói prenuncia logo a sua vitória: de facto, ele abandona a liça honrosamente coroado com o troféu de Apoio.

Seguem-se outros concursos desportivos, não mencionados de modo individual, mas colectivamente referidos - de novo, pretende destacar-se o atleta e as suas vitórias, e não cada uma das diversas provas que convencionalmente faziam parte do programa dos Jogos.

Os triunfos do jovem príncipe sucediam-se e, no final de cada prova, supervisionada por juizes, a proclamação era sempre a mesma: Orestes, o argivo, filho de Agamémnon, fora o vencedor. A indicação do nome do

(6) Note-se que os elementos que apontam no sentido divino estão em perfeita consonância com a profunda marca religiosa comum numa tragédia.

(7) Sófocles não nos indica a distância que os atletas tinham de percorrer, pelo que não sabemos se se tratava da corrida de estádio (200 m), do "diaulos" (400 m) ou do "dolichos" (2400 m).

(8) A corrida de carros de cavalos, a prova para homens mais espectacular do festival, é a que, segundo algumas opiniões, aparece a abrir os Jogos (cf. DREES, L, *Olympia*, London (trad. inglesa), 1968, p.67 e FINLEY, . I. e PLEKET, H. W., *The Olympic games: the first thousand years*, London, 1976, p.27 sqq.).

(9) Lembremos que as competições desportivas dos Jogos Olímpicos serviam de modelo aos restantes festivais pan-helénicos.

atleta que ganhava, da sua origem e do nome do seu pai era habitual, depois de cada competição.

Após tantos triunfos, porém, chega a prova final para o herói: agora, ele não vence, é antes vítima. É que aos desígnios da divindade não pode o homem escapar, como afirma o velho Pedagogo de Orestes, que põe assim em relevo, uma vez mais, a presença do elemento religioso na vida humana. Em seguida, descreve a corrida de carros de cavalos e, em particular, o trágico final do filho de Agamémnon. Aquela prova equestre, convencionalmente disputada num dia diferente do das competições pedestres, era uma prova de cariz aristocrático: para se participar, era preciso ter dinheiro que cobrisse as avultadas despesas inerentes, nomeadamente, à compra de carros e de cavalos. É a única competição efectivamente descrita no passo sofocliano: lembremos que ela constituía um dos momentos fundamentais dos Jogos - pictoricamente muito atraente, era o concurso mais espectacular. E com ela que têm início, na *Iliada*, XXIII, 262 sqq., os jogos fúnebres em honra de Pátroclo, um dos testemunhos literários mais antigos que temos de concursos atléticos. Em Sófocles, como em Homero, é-nos apresentado um catálogo dos concorrentes à prova, ainda que os elementos valorizados sejam diferentes. De facto, se o poeta épico refere o nome dos cinco nobres concorrentes e, em geral, o dos seus pais, normalmente também com uma menção mais ou menos longa aos cavalos que cada um conduzia, já o tragediógrafo valoriza a origem dos dez atletas participantes, não nomeados, com excepção, claro, de Orestes, personagem a destacar. Assim, se Homero sublinha o valor dos concorrentes, Sófocles, por seu turno, remete para um dos aspectos que, no seu tempo, traduzia o espírito dos Jogos: o pan-helenismo. De facto, se atentarmos nos diversos locais enumerados (cf. v.701 sqq.) verificaremos que, embora oriundos de várias regiões, todos os atletas eram gregos, uma vez que a participação em qualquer um dos jogos pan-helénicos se destinava apenas aos filhos da Hélade.

107

A prova é descrita de modo diferente pelos dois autores: uma vez mais, em Sófocles está em causa o atleta e não a competição em si, como em Homero. Com efeito, se para este autor a tónica se encontra no esforço desportivo que o concurso implica (cf. disputa entre os vários atletas e respectivos cavalos), ao tragediógrafo interessa,

sobretudo, a participação do jovem Orestes no concurso e, em particular, o seu acidente fatal. Há, no entanto, alguns elementos comuns a ambos os passos, decerto convencionais na descrição dos jogos, como a tiragem à sorte para a atribuição de lugares aos concorrentes, a presença de alguém a supervisionar a corrida, o incitamento dos cavalos com vozes e chicotes, o levantamento de poeira, após a partida dos carros, a referência ao desejo que cada um tinha de ultrapassar os adversários. A descrição de Sófocles pouco acrescenta a estes elementos: refere que os atletas só partem depois de ouvir o sinal dado pela trombeta de bronze, e que o som dos seus carros enchia o estádio. Destaca, em seguida, o trágico acidente do filho de Agamémnon e a sua morte, concedendo a este acontecimento um número de versos semelhante ao que utilizara para se referir às competições délficas, o que é revelador do seu propósito: tornar convincente a morte falsa de Orestes. Para o efeito pretendido, contribui, sem dúvida, o manifesto conhecimento de aspectos técnicos da corrida de carros de cavalos, presente, nomeadamente, na menção do facto de o jovem príncipe, porque ocupava a vantajosa pista extrema, dever dar sempre rédeas à direita, como fizera até então (cf. v.74l sqq.)<sup>(9)</sup>. Também a linguagem técnica da prova equestre empregue pelo velho Pedagogo é própria de um conhecedor do concurso, capaz de transmitir o que, supostamente, observara. Assim, encontramos vários termos/ expressões referentes aos cavalos (  $\mu$  <sup>7</sup> ,  $\mu$  / ), aos condutores (  $\mu$  , ), aos carros ( , ), bem como a outros importantes elementos da competição ( ,  $\mu$  , ).

108 relato do Pedagogo de Orestes mostra-nos o que acontecera no início da sétima volta; até aí, todos os carros haviam permanecido intactos. Foi então que os cavalos do auriga da Enia, desobedientes ao freio, foram contra o carro líbio. O choque em cadeia foi inevitável e os destroços encheram a planície de Crisa. O filho de Agamémnon seguia em último lugar, guardando esforços para o final da competição. Ao ver

<sup>(9)</sup> Orestes ocupava a pista interior, pelo que tinha a vantagem de ter uma distância menor para correr. Porém, entusiasma-se demasiadamente com a corrida, esquecendo o que deveria fazer até ao final.

que lhe restava apenas passar um concorrente, o de Atenas, incitou os seus fogosos cavalos da Tessália. Cada um dos competidores tentava então ultrapassar o rival. Orestes, que tinha feito todas as outras voltas sem dificuldade, dando rédeas à direita, faz agora o contrário. Dá-se o fatídico acidente. A roda do carro embate contra a baliza, parte-se, Orestes cai, embaraçado nas rédeas, e é arrastado pelo chão até à morte.

Nesta descrição, vivem-se os momentos de perigo (cf. v.741 sqq.), assiste-se à queda terrível do jovem atleta argivo (cf. v.745 sqq.), que suscita o grito de lamento da multidão (cf. v.749-750). A sua desgraça atingira em grandeza os feitos anteriores. Coberto de sangue, sem vida, o herói filho de Agamémnon é depois reduzido a cinzas...

Na última prova em que participa, Orestes é, pois, vítima, no próprio santuário de Apoio, o deus que o aconselhara a vingar o pai através do dolo e em cujo recinto sagrado o jovem encontra a solução!

A descrição do velho Pedagogo é dinâmica, rica em diferentes sensações sugeridas pelo vocabulário: cinéticas (  $\mu$  ,  $\mu$  ,  $\mu$  /  $\mu$  ...), auditivas (  $\mu$  ? ,  $\mu$  ?  $\mu$  ? ,  $\mu$  ? /  $\mu$  ? /  $\mu$  ,  $\mu$  ' ...), visuais (  $\mu$  ? ,  $\mu$  ? /  $\mu$  ...). A linguagem é também expressiva de várias emoções (  $\mu$  ? ,  $\mu$  ? ,  $\mu$  ? ). Através das palavras empregues, o espectador quase consegue, pois, ouvir os ruídos dos carros, ou o alarido da multidão; é ainda capaz de ver os atletas em movimento.

Fora realmente convincente a narrativa do homem que afirmava ter visto com os seus próprios olhos o espectáculo de que dava conta (cf. v.761-763). Clitemnestra fica tranquila, livre de ameaças; Electra, por seu lado, revela-se desesperada, ao ver-se abandonada, só.

No entanto, Orestes continua vivo, e em breve aparecerá à irmã, para sua alegria, disposto a matar Clitemnestra e Egisto.

Nesta peça, apesar do recurso a elementos decerto convencionais na descrição das provas desportivas (cf. supra), Sófocles dá mostras de originalidade ao aproveitar o conhecido e bastante versado mito de Orestes para tratar o tema dos Jogos: entre as criações trágicas conservadas, a Electra é a única em que isso se verifica.